



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

MARIA CAROLINA GALVÃO SILVA

**PONTES PARA O AMANHÃ: AS JUVENTUDES PERIFÉRICAS DE FORTALEZA-CE
E SUA RELAÇÃO TRANSFORMADORA COM OS EQUIPAMENTOS DA REDE CUCA**

FORTALEZA

2025

MARIA CAROLINA GALVÃO SILVA

PONTES PARA O AMANHÃ: AS JUVENTUDES PERIFÉRICAS DE FORTALEZA-CE E
SUA RELAÇÃO TRANSFORMADORA COM OS EQUIPAMENTOS DA REDE CUCA

Projeto Experimental apresentado ao Curso de
Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo

Orientador: Prof^ª. Dr. Rafael Rodrigues.

FORTALEZA

2025

MARIA CAROLINA GALVÃO SILVA

PONTES PARA O AMANHÃ: AS JUVENTUDES PERIFÉRICAS DE FORTALEZA-CE E
SUA RELAÇÃO TRANSFORMADORA COM OS EQUIPAMENTOS DA REDE CUCA

Projeto Experimental apresentado ao Curso de
Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^º. Dr. Rafael Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof(a). Dr(a). Naiana Rodrigues
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof(a). Dr(a). Cida de Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho para todos que vieram
antes de mim e pavimentaram os caminhos.

AGRADECIMENTOS

Construir esse projeto, foi, ao mesmo tempo, de uma alegria e orgulho genuíno e momentos de puro colapso. Se tem algo que passei a levar a sério no meio desse turbilhão de sentimentos que foi o fim da graduação, é que ninguém constrói nada sozinho. Precisei de muitos braços, mãos, colos e ombros para chegar até aqui. E agora que tudo tomou forma, gostaria de citar alguns:

Primeiro, à professora Naiana Rodrigues, que acreditou nesse projeto quando ele ainda era só uma ideia meio bagunçada, sem muita forma e direção. Obrigada por me ajudar a encontrar um caminho possível e por me dar segurança para dar os primeiros passos.

Ao professor e meu atual orientador, Rafael Rodrigues. Não sei nem por onde começar a agradecer. Sua paciência e compreensão foram de outro mundo. Saber que você estava ali para me ajudar, sem pressa, sem cobranças impossíveis e com confiança em mim, tornou tudo mais fácil. Nos momentos em que eu mesma duvidei do que estava fazendo, você acreditou. E isso, por si só, já significa tudo pra mim.

Às minhas seis irmãs, que me livram um pouco do peso de ser filha única: Ariane, Luiza, Guilherme, Mirele, Levi e Vitória. Vocês dividem a vida comigo desde há uns bons anos, e dividiram também o peso desse projeto, mesmo sem perceber. Se consegui sorrir no meio desse caos e me permitir relaxar por dois segundos, foi porque tinha vocês por perto. Qualquer conversa, qualquer risada, qualquer momento bobo e despretenso com vocês já era o suficiente para aliviar os quilos de tensão e me dar fôlego para continuar. Sorte grande ter vocês comigo.

Ezequiel, Pamela, Nicolas, Milena, Girassol, Caio, Abner, Bruno e Hellora, que entendem como ninguém a mistura de amor e exaustão que é ser da comunicação. Vocês dividiram comigo não só esse processo, mas tantas outras milhões de inquietações de vida e acadêmicas. Todas as sugestões, indicações e dicas foram mais do que bem vindas e queridas por mim.

A Clarice, que segurou minha mão o tempo inteiro e não soltou por nada. Que sustentou cada etapa desse processo comigo, que me lembrou, todos os dias, que no final tudo iria dar certo e que os caminhos estavam abertos, eu só precisava confiar. E quando eu não conseguia confiar, ela me empurrava (com muito carinho, mas empurrava). Seu colo, sua paciência e sua presença foi o que me manteve sã e olhando para a frente. Queria poder voltar

no tempo e falar para a minha versão de três meses atrás que sim, você estava certa. Tudo deu certo.

Ao Cauê e Xaio, que transformaram minhas ideias em realidade, que viabilizaram o que eu sozinha jamais conseguiria, sempre com tanto cuidado e atenção. Obrigada por toparem participar da construção desse projeto e tornarem tudo ainda mais especial.

À equipe do Cuca Barra, que me recebeu de portas e braços abertos. Robertinho e Naara, que fizeram o impossível para que eu tivesse acesso a tudo que eu precisava. A disposição e boa vontade de vocês me impressionaram desde o começo e continuam me impressionando até hoje.

E, por fim, à Rede Cuca, por ter me mostrado um terreno fértil quando tudo que eu conseguia enxergar ao meu redor parecia estéril.

*“Na luta para ninguém silenciar nossa voz
Voltamos a falar dos sonhos pelas manhãs”*

Don L - primavera

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso “Pontes para o Amanhã: As juventudes periféricas de Fortaleza-CE e sua relação transformadora com os equipamentos da Rede Cuca”, investiga a relação entre as juventudes periféricas de Fortaleza e a Rede Cuca, com foco no Cuca Barra. Por meio de uma abordagem jornalística aprofundada, foram analisadas as experiências dos jovens frequentadores, os desafios enfrentados pela política pública e os impactos do equipamento na construção de trajetórias individuais e coletivas. O resultado se materializou em uma produção multimídia, que articula diferentes narrativas jornalísticas para apresentar as histórias e experiências desses jovens. A pesquisa evidencia a importância da Rede Cuca como espaço de pertencimento e mobilidade social, ao mesmo tempo em que discute os desafios estruturais e territoriais que influenciam seu funcionamento.

Palavras-chave: juventude; políticas públicas; território; projeto multimídia.

ABSTRACT

The Final Project “Pontes para o Amanhã: As juventudes periféricas de Fortaleza-CE e sua relação transformadora com os equipamentos da Rede Cuca” explores the connection between peripheral youth in Fortaleza and the Rede Cuca network, with a particular focus on Cuca Barra. Through an in-depth journalistic approach, the study examines the experiences of young attendees, the challenges faced by this public policy, and the facility's impact on shaping both individual and collective trajectories. The research culminated in a multimedia production that weaves together various journalistic narratives to showcase the stories and experiences of these young people. The study highlights the Rede Cuca's significance as a space of belonging and social mobility while also addressing the structural and territorial challenges that shape its functioning.

Keywords: youth; public policy; territory; multimedia project.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração da tela inicial.....	41
Figura 3 - Paleta de cores.....	42
Figura 2 - Elementos ilustrados para os perfis.....	43
Figura 4 - Tipografia principal.....	44
Figura 5 - Tipografia secundária.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	23
2 JUSTIFICATIVA.....	26
3 OBJETIVOS.....	27
3.1 Objetivo geral.....	27
3.2 Objetivos específicos.....	27
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	28
4.1 Jornalismo Digital e Interatividade.....	28
4.2 Juventudes.....	29
4.3 Políticas Públicas de Juventude.....	31
4.4 Território.....	33
5 METODOLOGIA.....	35
5.1 Tipo de Pesquisa.....	35
5.2 Coleta de Dados.....	35
5.3 Critérios de Seleção das Fontes.....	35
5.4 Análise de Dados.....	36
5.5 Cuca Barra.....	36
5.6 Descrição da Apuração.....	36
5.7 Desafios e Limitações.....	38
5.8 Pontes para o Amanhã.....	40
6 DESCRIÇÃO DO SITE.....	41
6.1 Fases de Produção.....	41
6.2 Elementos Visuais.....	42
Figura 1 - Ilustração da tela inicial.....	42
Figura 2 - Paleta de cores.....	43
Figura 3 - Elementos ilustrados para os perfis.....	44
Figura 4 - Tipografia principal.....	45
Figura 5 - Tipografia secundária.....	46
6.3 Organização do site.....	46
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47

REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS.....	50

1 INTRODUÇÃO

A juventude desempenha um papel crucial na construção social, econômica e cultural de um país. Segundo o Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no Brasil esse grupo corresponde a aproximadamente 48,5 milhões de jovens, correspondendo a 25% da população total do país, abrangendo indivíduos entre 15 e 29 anos¹, conforme definido pelo Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013)². Apesar de seu potencial criativo e inovador, os jovens brasileiros enfrentam desafios estruturais que limitam seu desenvolvimento, como dificuldades no acesso à educação, instabilidade no mercado de trabalho e a exposição à violência em contextos urbanos marcados pela desigualdade social.

O reconhecimento da importância de políticas públicas que levam em conta a faixa etária da juventude, embasadas na premissa de que os jovens são detentores de direitos, é um avanço relativamente recente no país (Oliveira, 2019). A título de exemplo, foi somente em 2013 que o Congresso Nacional aprovou o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013), que estabelece princípios e diretrizes para políticas públicas destinadas a assegurar direitos fundamentais dos jovens, abrangendo áreas como saúde, educação, lazer, profissionalização, cultura e dignidade. (Silva; Ximenes, 2019)

No contexto específico da cidade de Fortaleza, essas questões adquirem contornos particulares, refletindo as complexidades e desafios enfrentados pela juventude. Ainda de acordo com dados do IBGE, Fortaleza é o terceiro município com o maior número de favelas e comunidades urbanas no Brasil, totalizando 503 áreas de ocupação. A distribuição etária nessas regiões também evidencia uma população predominantemente mais jovem, com 23,6% dos moradores tendo entre 0 e 14 anos.

A ausência de infraestrutura adequada, o acesso restrito a atividades culturais e esportivas e a precarização do ensino impactam diretamente as trajetórias dos jovens. Além disso, a violência letal é um fator de risco significativo. O Atlas da Violência de 2021 aponta que homicídios representam a principal causa de morte entre jovens negros e periféricos no Brasil. Essa realidade não se traduz apenas em ameaças físicas, mas também em impactos emocionais e sociais que influenciam a autoestima e as perspectivas de futuro desses jovens. A constante insegurança, a falta de reconhecimento e as oportunidades limitadas reforçam

¹ Disponível em:

https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal

² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm

sentimentos de exclusão e desvalorização social, muitas vezes levando à desistência de sonhos e projetos de vida.

Diante desse cenário, fica evidente a importância de políticas públicas eficazes e abrangentes para atender às necessidades variadas dos jovens, assegurando-lhes acesso a programas socioeducativos e iniciativas que promovam o fortalecimento e desenvolvimento da cidadania e a redução de vulnerabilidades. Nesse sentido, a cidade de Fortaleza avançou significativamente na implementação de políticas públicas voltadas para a juventude, especialmente a partir da criação da Rede Cuca, um conjunto de equipamentos públicos voltados à juventude, desenvolvido como resposta às necessidades dos jovens da capital cearense.

Criada em 2009, a Rede Cuca se consolidou como um dos principais programas municipais voltados à juventude, estruturando-se a partir de uma abordagem integrada, que combina cultura, esporte, formação e assistência social, proporcionando aos jovens alternativas concretas para desenvolverem suas potencialidades. Com unidades localizadas em áreas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade, o projeto busca reduzir a vulnerabilidade juvenil e fortalecer a identidade cultural e a participação social dos jovens periféricos.

Este projeto parte da premissa de que os equipamentos da Rede Cuca funcionam como um espaço de mobilidade social, oferecendo acesso ao conhecimento de forma acessível e democrática, promovendo o desenvolvimento de habilidades diversas e ampliando suas perspectivas de vida. Seja pelo esporte, pela arte ou pela qualificação profissional, esses espaços possibilitam que a juventude encontre novos caminhos e descubra seu potencial. Ao examinar essas dinâmicas, esta produção jornalística, estruturada no formato de website multimídia, pretende não apenas reforçar a relevância da Rede Cuca, mas também contribuir para o debate sobre políticas públicas voltadas à inclusão e ao desenvolvimento juvenil em contextos periféricos. Assim, busca-se demonstrar como esses espaços podem ser fortalecidos e replicados, garantindo que mais jovens tenham acesso a oportunidades que transformem suas realidades e possibilitem trajetórias mais promissoras.

2 JUSTIFICATIVA

Em determinado momento da minha trajetória acadêmica, a incerteza sobre meu futuro profissional se impôs com força. Ainda estava no início da graduação, mas não conseguia enxergar com clareza qual era o meu lugar dentro da área do jornalismo. Esse sentimento de dúvida era intensificado pelo contexto de desigualdade estrutural que marca a experiência de estudantes que, assim como eu, nasceram e cresceram na periferia. O ambiente acadêmico, muitas vezes, parece um universo paralelo, um espaço que não foi construído para corpos como o meu. Dominado por indivíduos que cresceram cercados de privilégios, cujas referências e vivências são completamente diferentes das minhas, a universidade me fazia questionar se algum dia eu conseguiria ocupar aquele lugar com a mesma segurança que meus colegas. Como construir um senso de pertencimento em um espaço historicamente negado? Como competir de igual para igual com quem sempre teve acesso irrestrito ao conhecimento, a cursos complementares, a intercâmbios e a oportunidades que, para mim, nunca foram sequer cogitadas? Essas incertezas se traduziram em um sentimento constante de frustração e deslocamento, tornando a experiência acadêmica ainda mais complexa.

Foi nesse contexto de incerteza que tive meu contato mais intenso com a Rede Cuca, em um momento no qual buscava uma perspectiva do jornalismo e da comunicação que dialogasse mais com a minha realidade e experiência de vida. Movida por essa necessidade, me inscrevi no projeto Jovens Comunicadores, e fui selecionada. A experiência foi ressignificadora. Durante seis meses de imersão no projeto, pude explorar e desenvolver diversas habilidades comunicacionais, ampliando minha percepção sobre as possibilidades dentro do jornalismo. Enquanto a Universidade certamente me deu a base teórica, foi no Cuca que descobri um campo de aprendizado prático, que ultrapassou as fronteiras da sala de aula convencional. Foi nesse espaço que compreendi que minha presença e atuação na comunicação são formas de resistência e reivindicação de espaços.

Foi no Cuca que compreendi que minha história e minha origem não eram limitações, mas potências. Aprendi que cada vitória de um jovem da periferia é uma vitória coletiva. Que eu não apenas posso, mas devo ocupar todos os espaços que foram sistematicamente negados aos meus. Essa foi a lição mais valiosa que levei dali: a certeza de que pertenço a todos os lugares que escolher ocupar.

Essa vivência despertou em mim a necessidade de aprofundar minha compreensão sobre a relação das juventudes periféricas com a Rede Cuca, porque essa história também é a minha. Acredito que garantir o acesso à cultura, à educação e ao lazer não deve ser visto

como um privilégio ou uma concessão, mas como um direito fundamental. Espaços como o Cuca são fundamentais para jovens que, como eu, buscam se reinventar e transformar suas realidades.

Este trabalho é, acima de tudo, uma forma de dar voz às histórias de quem, como eu, encontrou no Cuca um lugar de acolhimento e possibilidades. É uma maneira de celebrar as conquistas desses espaços e refletir sobre os desafios que ainda precisam ser superados. Porque a periferia não é só um lugar de partida – é também um lugar de chegada.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Compreender as interações entre as juventudes periféricas de Fortaleza e os equipamentos da Rede Cuca, com foco no Cuca Barra, investigando jornalisticamente seu papel como política pública voltada para a inclusão e desenvolvimento dos jovens e seu alinhamento aos princípios e diretrizes do Estatuto da Juventude.

3.2 Objetivos específicos

1. Investigar jornalisticamente as experiências e perspectivas dos jovens periféricos em relação à Rede Cuca, compreendendo como eles percebem e valorizam as oportunidades nos âmbitos da educação, cultura, esporte e desenvolvimento pessoal;
2. Analisar as ações e iniciativas da Rede Cuca voltadas para as juventudes, identificando os métodos de implementação, os resultados alcançados e os principais desafios enfrentados na execução dessas políticas públicas;
3. Dimensionar, a partir de um produto jornalístico, o impacto das atividades da Rede Cuca na vida dos jovens, considerando aspectos como melhoria da qualidade de vida, aquisição de novas habilidades, participação cívica e fortalecimento da identidade cultural;

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção do relatório, apresentamos uma breve discussão conceitual sobre temas que fundamentam o trabalho jornalístico realizado no produto jornalístico multimídia *Pontes para o Amanhã*. Inicialmente, debatemos a noção de multimídia na perspectiva do jornalismo digital. Em seguida, apresentamos subsídios para pensar as juventudes enquanto conceito, bem como tratamos das políticas públicas direcionadas a esse grupo social. Por fim, tratamos da noção de território, um construto importante para pensar o tipo de política pública proposta pela Rede Cuca nas periferias de Fortaleza.

4.1 Jornalismo Digital e Interatividade

A escolha em utilizar o formato multimídia no projeto perpassa pelas possibilidades de ampliação do alcance da informação, enriquecimento narrativo e maior interatividade com o público. Desde as primeiras experiências da comunicação digital na década de 1990, observa-se a adoção progressiva de ferramentas multimídia no jornalismo, especialmente com a migração de veículos impressos para a internet (Deuze, 2006).

Nesse contexto, a reportagem multimídia emerge como um modelo narrativo que busca combinar diferentes textualidades para oferecer uma abordagem mais interativa e complexa ao leitor (Longhi, 2010, p. 149). Esse formato está alinhado ao percurso interpretativo do trabalho jornalístico descrito por Guerra (2003), que envolve a coleta, análise e organização da informação para a construção de um conteúdo significativo. A digitalização do jornalismo potencializa esse processo ao viabilizar a integração de múltiplos formatos, tornando as reportagens mais atrativas e acessíveis (Palacios, 2002).

Além de transformar a produção jornalística, a internet reconfigurou a relação entre leitores e veículos de comunicação, como bem apresentado por Moherdaui (2008):

A criação da World Wide Web [...] mudou as relações dos leitores com os jornais, dos jornais com os jornalistas e dos jornalistas com a rede. Do ponto de vista dos leitores, a web ampliou a participação na produção de conteúdo. Do ponto de vista da produção jornalística, alterou o conceito de notícia. Do ponto de vista empresarial, mudou a distribuição e a circulação de informação" (p. 4).

Essa interatividade é ressaltada também por Barbosa (2001), que destaca a capacidade da internet de proporcionar atualizações contínuas das notícias, mantendo o leitor engajado:

Em qualquer momento, na medida em que novas informações ou acontecimentos vão sendo produzidos, pode-se disponibilizar algo novo. Esta renovação contínua tem a intenção de manter o leitor/internauta mais tempo dentro de determinado site, entretido em suas páginas e links e recebendo informação nova (p. 4).

Outro aspecto relevante do jornalismo digital é sua capacidade de preservação e arquivamento de conteúdos. Marques (2021) observa que o ambiente digital funciona como um repositório de informações, permitindo que reportagens multimídia tenham um caráter documental e permaneçam acessíveis ao longo do tempo.

A memória na internet é coletiva e, com isso, o armazenamento e busca por informações se torna mais fácil a partir das ferramentas de hiperlinks disponibilizadas ao fim dos textos da rede. A partir dessas informações disponibilizadas por banco de dados na memória da web, é possível levar ao leitor uma contextualização sobre os fatos passados e suas relações com os fatos atuais (p. 57).

Por fim, no que se refere ao jornalismo imersivo, recorro à autora De La Peña (2010), para entender que a utilização de tecnologias digitais possibilita a criação de experiências sensoriais e emocionais que aumentam o impacto da narrativa jornalística. Este projeto busca materializar a compreensão do jornalismo multimídia como uma mídia dinâmica e interativa, que reporta os acontecimentos e possibilita novas formas de experiência e engajamento com o público. Assim, o website proposto se fundamenta na convergência das diversas potencialidades da internet, promovendo um modelo narrativo que instiga a interação, a acessibilidade e a permanência dos conteúdos no ambiente digital

4.2 Juventudes

Para compreender as experiências juvenis e o conceito de juventude em um contexto amplo, este trabalho adota uma abordagem interdisciplinar, dialogando com a sociologia e a antropologia para analisar as diferentes formas de ser jovem na contemporaneidade. Utilizamos produções acadêmicas que abordam o tema sob diferentes perspectivas. O livro *Bibliografia sobre a Juventude* (1995), de Ruth Corrêa Cardoso Leite e Helena Sampaio, apresenta um levantamento de estudos fundamentais. *Culturas Juvenis* (1993), de José Machado Pais, analisa a experiência e dilemas dos jovens em suas rotinas. *Cenas Juvenis*, de Helena Abramo, contribui com uma investigação das múltiplas facetas da juventude no Brasil, explorando as influências de fatores socioeconômicos e culturais. A socióloga Glória Diógenes, em *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano* (1994) sintetiza

contribuições de Abramo e amplia o debate sobre as manifestações culturais juvenis em contextos urbanos.

A juventude traz a marca do hibridismo da sociedade moderna condensando, a um só tempo, o ser adulto e o ser criança. A ideia de situar-se em um estado de formação, de processo, de um vir a ser, faz da juventude um sujeito mutante, signo por excelência da sociedade moderna. Essa característica de ser e não ser ocasiona na juventude um hiato na constituição de valores, e é assim que a rebeldia, a revolta e a delinquência tornam-se categorias-chave na problematização da condição juvenil (Diógenes, 1994, p. 154).

Essa perspectiva pode ser aprofundada com a noção de moratória social de Erik Erikson (1968), que descreve a juventude como um período de experimentação e construção de identidade. Durante essa fase, os jovens testam diferentes papéis e trajetórias antes de assumirem responsabilidades adultas, o que reforça a ideia de juventude como uma categoria em constante transição.

Refletir sobre a juventude na contemporaneidade exige reconhecê-la como um fenômeno em constante transformação, atravessado por processos históricos, socioculturais e econômicos (Guimarães, 2019). A noção de “juventudes”, no plural, surge da necessidade de reconhecer que os jovens são atravessados por diferentes contextos sociais e históricos, o que impede a redução da juventude a uma experiência única e homogênea. Essa abordagem é discutida por Margulis e Urresti em *La juventud es más que una palabra* (1998), que argumenta que a juventude deve ser pensada como uma pluralidade de experiências, influenciada por fatores como classe social, território, raça e gênero.

Autores como Rezende (1989), Carrano (2000) e Abramo (2005), aprofundam essa ideia, considerando que os jovens constroem suas identidades em relação às condições estruturais e aos diferentes espaços de sociabilidade (Pais, 1993; Novaes 2006; Groppo, 2016a). Nesse sentido, Reguillo (2012) contribui ao tratar das juventudes latino-americanas como sujeitos ativos na resistência social e cultural, enfatizando que suas experiências são moldadas pelas desigualdades estruturais, mas também pelas estratégias de luta e afirmação identitária.

A noção de juventudes também se vincula às diferentes formas de expressão e sociabilidade dos jovens, que se manifestam por meio da arte, da cultura, do trabalho e do engajamento político (Dayrell, 2003; Sposito, Carrano, 2007). O reconhecimento dessa pluralidade é essencial para que se realize uma análise mais profunda das dinâmicas juvenis ao considerar fatores como gênero, classe social, raça e território. Da mesma forma, no campo das pesquisas sobre juventude, Fevero et al (2007) discutem os impactos das transformações

sociais nas experiências juvenis, analisando como educação, mercado de trabalho e participação política. Para fundamentar essa discussão, recorremos a autores como Abramo (1994), Groppo (2016) e Diógenes (2013).

Considerando o contexto urbano, é importante lançarmos o olhar sob a periferia, onde o objeto desse estudo – jovens atendidos pela Rede Cuca – está inserido. Nas periferias, as juventudes transcendem a localização geográfica e a representação de sua existência e produção de subjetividades se dá pela expressão nos corpos, linguagens, estéticas e laços sociais. As condições de vida, as redes de sociabilidade e os desafios cotidianos moldam a experiência juvenil nesses territórios (Novaes, 2006). A tese de doutorado de Carla Coelho de Andrade, *Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal* (2007) discute essa diversidade, demonstrando como a limitação de acesso a bens culturais impacta diretamente a forma como as juventudes da periferia constroem suas identidades e sociabilidades:

Em um contexto nacional que tende a reproduzir a desigualdade social, os jovens das camadas populares têm pouca chance de acesso a experiências e situações que possibilitam a ampliação do universo sociocultural de origem. Sem dinheiro, que poderia ser fruto do seu próprio trabalho ou dos ganhos de outros integrantes da família, boa parte desses jovens se vê impedido de ocupar o tempo livre com o mínimo de qualidade e regularidade, frequentando festas, shows, cinemas e outros eventos culturais. Até mesmo sair do próprio local de moradia para ter acesso ao que a cidade pode oferecer demanda um mínimo de condições financeiras (Andrade, 2007, p.120).

Para buscar entender melhor essa produção de subjetividade, trago o artigo *Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais* (2019), de Beatriz Akemi Takeiti Falam e Maria Cristina Gonçalves Vicentin, que analisa a arte e a cultura como estratégias de resistência, ressaltando o papel das expressões artísticas na afirmação da identidade juvenil e na ocupação do espaço urbano: “Eles expressam - por meio da música, da poesia, da dança, do desenho, da palavra - a vida, as violências presentes local e globalmente. Tais efeitos estéticos são de ordem política, singular, mas igualmente coletiva, dando mais visibilidade às redes territoriais e sociais existentes” (Falam; Vicentin, 2019).

4.3 Políticas Públicas de Juventude

A relação entre juventude e políticas públicas é amplamente analisada e estudada, sendo um campo de investigação consolidado dentro das ciências sociais. Para compreender

essa dinâmica, partimos da concepção de Harold Lasswell (1958), um dos precursores dos estudos sobre políticas públicas. Em sua obra *Politics: Who Gets What, When, How*, Lasswell introduz a ideia de que a política é fundamentalmente um processo de distribuição de poder e recursos, estabelecendo uma base analítica essencial para a discussão sobre a formulação e implementação de políticas públicas voltadas para a juventude.

Com base nessa perspectiva analítica, é possível examinar como essa lógica se manifesta no contexto brasileiro. A análise dessas políticas públicas voltadas para a juventude pode ser aprofundada com base no artigo *Juventude e Políticas Públicas no Brasil*, de Sposito e Carrano (2003). Os autores discutem os caminhos percorridos nos últimos 10 anos pelas iniciativas focadas nos segmentos juvenis da sociedade brasileira, destacando os avanços e desafios enfrentados na formulação dessas políticas. Em suas considerações finais, os autores afirmam que:

É preciso avançar para além das doutrinas de segurança pública e de assistência social no trato com as políticas públicas federais orientadas para os jovens. Sem negligenciar as inúmeras dificuldades de ampliação das dotações orçamentárias para as políticas públicas sociais, admite-se que o desafio maior é, contudo, inscrever as políticas de juventude em uma pauta ampliada de direitos públicos de caráter universalista. Essas orientações devem pressupor os jovens como sujeitos dotados de autonomia e como interlocutores ativos na formulação, execução e avaliação das políticas a eles destinadas (p. 37).

Enquanto Sposito e Carrano enfatizam a necessidade de um olhar ampliado sobre as políticas públicas voltadas para a juventude, outros estudos complementam essa discussão. No livro *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*, Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino e Carla Coelho de Andrade (2007), investigam como as políticas sociais impactam a população jovem.

No que diz respeito à juventude enquanto uma questão social relevante para as estruturas das sociedades modernas, a coletânea *Juventudes*, organizada por Luís Groppo (2016), é uma contribuição fundamental. O autor enfatiza que “a juventude também é uma constante preocupação das sociedades modernas e contemporâneas, uma permanente ‘questão pública’” (Groppo, 2016a, p. 9), demonstrando como as discussões sobre juventude extrapolam o campo acadêmico e ganham relevância na esfera política e social.

A participação juvenil na formulação de políticas públicas é um aspecto central desse debate, conforme apontado por Novaes (2006, p. 116), ao afirmar que as iniciativas que passaram a ver o jovem não mais como problema, mas como parte da solução, foram essenciais para desconstruir estereótipos e valorizar “uma certa perspectiva de participação juvenil” que se consolidou no decorrer dos anos 90. Essa ideia é reforçada por Magalhães

(2009):

O jovem protagonista é aquele indivíduo/ator social que encarna a regra e cuja atividade materializa o discurso do poder e atesta sua eficácia. Ou seja, o próprio indivíduo em atividade mantém o poder e seu discurso em operação, e, portanto, “contribui” (conforme um termo frequente no discurso em questão) para sua própria dominação. Integrados à subjetividade, poder, regra e discurso não se exibem como tais e seu êxito é atestado pelo próprio indivíduo/ator social em atividade (p. 20).

Por fim, a Política Nacional de Juventude (PNJ) configura-se como um marco fundamental na institucionalização de direitos e oportunidades de jovens brasileiros. A revisão teórica sobre a PNJ realizada por Roselani Sodré da Silva e Vini Rabassa da Silva (2011), levanta uma reflexão pertinente sobre a necessidade de investimentos nas mais diversas áreas para garantir direitos e oportunidades para a juventude:

[...] entende-se que a juventude, destacando-se aqui, particularmente, a juventude brasileira, requer um urgente investimento econ mico, educacional, cultural, político e social, que considere a sua realidade como coletivo, a sua diversidade, resultante das determinações sociais, e seja capaz de efetivar uma política pública nacional de juventude (p. 664).

4.4 Território

Por fim, o último conceito a ser apresentado é o de território. Para tanto, considera-se a construção de uma imagem de quem são os jovens participantes da Rede Cuca: jovens residentes nas periferias e em situação de vulnerabilidade social, conforme propõe Henrique (2018).

Milton Santos (2000), um dos principais teóricos que contrib iram para a compreensão do conceito de território, sugeriu que o conceito de território deveria ser analisado de forma social e dinâmica. Para o autor, a região não pode ser entendida simplesmente como um espaço físico demarcado, mas um “território vivo” onde a pluralidade e a diferença coexistem e produzem múltiplas subjetividades. Santos propõe, portanto, uma análise que considere o uso do território, olhando para a forma como os indivíduos se relacionam com esse espaço e com outras pessoas. No caso dos jovens da periferia, esta perspectiva ajuda-nos a compreender como se insere neste campo e assim refletir sobre os processos de subjetivação que ocorrem neste contexto

Buscamos entender a partir da compreensão de Novaes (2006), autora já mencionada, qudos jovens marginalizados, é necessária uma compreensão que transcenda as limitações geográficas, como um território existencial onde os jovens constroem e reconstróem diariamente suas identidades. A autora destaca que a subjetividade é produzida de forma contínua e acelerada e se reflete em diferentes aspectos da vida do adolescente, como corpo, linguagem, estética, vínculos socioemocionais, etc. Esta visão da periferia como um domínio dinâmico e significativo ajuda a compreender as experiências dos jovens no contexto e quando se trata das realidades dos jovens marginalizados é necessária uma compreensão que vá além das limitações geográficas, como um território existencial onde os jovens constroem e reconstróem diariamente suas identidades. A autora destaca que a subjetividade é produzida de forma contínua e acelerada e se reflete em diferentes aspectos da vida do adolescente, como corpo, linguagem, estética, vínculos socioemocionais, etc. Esta visão da periferia como um domínio dinâmico e significativo ajuda a compreender as experiências dos jovens no contexto **de onde os jovens, por meio de suas vivências e práticas culturais, reconfiguram o território ao seu redor, estabelecendo novas formas de relação e resistência.**

A obra de Beatriz Akemi Takeiti (2019) também oferece um importante suporte para a análise dessa questão, ao investigar as narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais periféricos. Takeiti demonstra como os jovens da periferia criam e afirmam suas identidades por meio de espaços culturais que atuam como territórios de resistência e de (re)significação. Esse conceito de território cultural reforça a ideia de que a periferia, ao contrário de ser apenas um lugar de exclusão e marginalização, é também um espaço de construção de saberes, afetos e subjetividades.

Assim, ao analisar a presença dos jovens na Rede Cuca, é essencial compreender que o território não é um conceito estático e homogêneo. Pelo contrário, ele se transforma constantemente por meio das práticas culturais, sociais e políticas dos indivíduos que nele habitam, e a Rede Cuca, como um dispositivo de inclusão e atuação juvenil, é uma das formas pelas quais esses jovens se apropriam e reconfiguram o território da periferia, atribuindo-lhe novos sentidos e significados.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de Pesquisa

Este trabalho é uma produção jornalística aplicada sobre a Rede Cuca em Fortaleza, enfatizando o Cuca Barra, uma das unidades do projeto. Metodologicamente, esta produção se alicerça nos procedimentos consagrados pelo jornalismo: planejamento, apuração (esta fundamentada em entrevistas, observação e documentação) e edição/pós-produção. O objetivo é compreender a dinâmica do equipamento e sua relação com a juventude local.

5.2 Planejamento da Produção Jornalística

O planejamento deste produto jornalístico foi iniciado em 2024, sob orientação da professora Naiana Rodrigues, com uma etapa preliminar de revisão bibliográfica, com o objetivo de estabelecer os conceitos fundamentais que orientariam o trabalho jornalístico. A partir das leituras realizadas, foram selecionados os conceitos de juventude, políticas públicas e território como eixos centrais desse estudo bibliográfico. Antes de partir para a fase de apuração, foram realizadas entrevistas com especialistas para compreender o cenário das juventudes em Fortaleza. Entre os entrevistados, destacam-se a pesquisadora Glória Diógenes, referência na temática, e Carla Melo da Escóssia, que atuou na coordenação do Projeto Cucas durante sua concepção e implementação. Essas entrevistas forneceram subsídios para a compreensão do contexto histórico e político da criação dos Cucas, além de oferecerem uma visão crítica sobre os desafios enfrentados na manutenção e evolução desse modelo de política pública voltado para os jovens.

A escolha do Cuca Barra como principal cenário desta narrativa jornalística ocorreu por três razões fundamentais: (1) ser o primeiro equipamento da Rede Cuca, servindo de modelo para os demais e permitindo uma compreensão do contexto das políticas públicas de juventude da época de sua criação; (2) seu tempo de funcionamento possibilitar uma avaliação dos impactos no território, na trajetória dos jovens atendidos e no desenvolvimento das políticas públicas ao longo dos anos; e (3) a inviabilidade de uma abordagem detalhada dos cinco equipamentos da Rede Cuca sem comprometer a qualidade e a profundidade da apuração, principalmente considerando que a investigação foi conduzida individualmente.

A escolha pelo Cuca Barra garantiu um recorte delimitado e focado. Isso permitiu compreender suas dinâmicas internas, o funcionamento cotidiano, as interações entre

usuários, equipe e território. Foi possível observar como a comunidade se apropria do espaço, os desafios enfrentados e as transformações ocorridas ao longo dos anos. A decisão também viabilizou maior aprofundamento nas entrevistas, compreendendo percepções, expectativas e impactos gerados pelo equipamento.

A partir desses subsídios, optou-se por veicular o produto final da pesquisa por meio de um site multimídia, explorando ao máximo recursos imagéticos e de imersão (vídeos, fotos, documentos, mapas interativos etc). Os gêneros/formatos jornalísticos perfil e reportagem surgem como formatos principais, além de recursos interativos.

O gênero/formato perfil foi uma escolha estratégica por sua capacidade de permitir uma narrativa mais subjetiva e aprofundada sobre as experiências dos jovens frequentadores, a partir de entrevistas semiestruturadas, trazendo suas histórias e sentimentos em relação ao espaço. Já a reportagem veio como um complemento essencial, contextualizando e expandindo as narrativas individuais dos perfis, além de fornecer informações fundamentadas, contemplando dados, versões oficiais e esclarecimento de questionamentos.

Na reta final da construção do trabalho, chegou também o momento de escolher um título que sintetiza tudo o que foi apurado. Assim nasceu Pontes para o Amanhã. Esse nome carrega em si camadas de significado. A ponte da Barra, estrutura que atravessa o rio Ceará, é um lugar de memória (Nora, 2012) e conexão, ligando Fortaleza a Caucaia, unindo margens e histórias. Mas não é somente concreto e ferro: é passagem, é fluxo, é atravessamento. Como os jovens que circulam pela Rede Cuca, ela sustenta histórias em movimento. O nome também dialoga com a ideia de tempo: o presente que se alonga em direção ao futuro, o agora que se constrói sobre as bases de quem veio antes. Assim como uma ponte, o Cuca é passagem, é travessia, é promessa de caminhos possíveis.

5.2.1 Critérios de Seleção das Fontes

Os entrevistados foram selecionados com base nos seguintes critérios

1. Diversidade etária e de gênero entre os jovens frequentadores
2. Tempo de vinculação ao Cuca Barra
3. Função desempenhada dentro do equipamento (alunos, professores, gestores etc)

5.6 Descrição da Apuração

A apuração propriamente dita teve início ainda em 2024, e a primeira visita ao Cuca Barra foi voltada para entender sua dinâmica de funcionamento, estabelecer contato com a equipe de funcionários e criar uma relação de confiança. A partir desse momento, iniciou-se o mapeamento de possíveis fontes e personagens, tanto por meio de observações realizadas durante as visitas quanto por indicações dos funcionários e buscas nas redes sociais oficiais da Rede Cuca.

A apuração se deu a partir dos seguintes procedimentos:

1. Entrevistas, realizadas com gestores do equipamento, educadores, funcionários e jovens frequentadores do Cuca Barra. As entrevistas seguiram um roteiro pré-definido, mas permitiram liberdade para exploração de eventuais novos temas;
2. Observação, com registros de campo sobre as atividades promovidas no espaço, dinâmicas de interação e perfis dos frequentadores;
3. Documentação, baseada em relatórios da Secretaria Municipal de Juventude, Observatório da Juventude e pesquisas acadêmicas sobre políticas públicas em Fortaleza.

No decorrer da dela, houve uma pausa de três meses devido à greve da Universidade Federal do Ceará. Apesar disso, o contato com o Cuca Barra foi mantido, e, em novembro de 2024, o projeto foi retomado sob a orientação do professor Rafael Rodrigues.

Nos meses de dezembro e janeiro, as visitas ao Cuca Barra foram intensificadas, permitindo a realização de escutas ativas e aprofundamento da apuração. Durante esse período, foram definidos os tópicos centrais das reportagens, abrangendo o funcionamento do equipamento, a dinâmica cotidiana da Rede Cuca, a percepção da comunidade, os desafios na manutenção das políticas públicas e outros aspectos relevantes. Também foi estabelecido que o material incluiria cinco perfis de jovens frequentadores do Cuca Barra, representando diferentes expressões artísticas e experiências dentro do equipamento. No entanto, devido a incompatibilidades de agenda, só foi possível concluir apenas quatro perfis.

No total, foram realizadas 17 visitas ao Cuca Barra entre dezembro de 2024 e fevereiro de 2025, permitindo a observação da rotina do equipamento, o contato com funcionários e frequentadores e a familiarização com o território. Além disso, foram feitas visitas pontuais a outros Cucas: duas ao Cuca Mondubim (uma para entrevista com o

secretário de juventude Julio Brizzi e outra para acompanhar uma ballroom, evento central no perfil do personagem Athenus Lucas) e duas ao Cuca Jangurussu (uma para acompanhar a personagem Diana em um treino e outra para realizar sua entrevista e registros fotográficos). Não foram realizadas visitas aos Cucas José Walter e Pici devido à limitação de tempo e recursos disponíveis para a pesquisa.

Ainda assim, consideramos que o período de tempo dedicado à apuração, bem como a quantidade de visitas e entrevistas, possibilitam caracterizar a produção como um trabalho de reportagem em profundidade, uma vez que permitiu uma verticalização das abordagens dificilmente presente em outros gêneros/formatos jornalísticos decisivamente limitados pelo tempo, como é o caso da notícia.

Adicionalmente, foi feita uma visita à Barraca Foi Sol, no bairro Pirambu, para entrevista com o perfilado Alécio Fernandes. A quarta perfilada, Dani, teve sua entrevista realizada remotamente por questões de saúde, por meio de um questionário aplicado em um documento compartilhado. As demais entrevistas ocorreram majoritariamente no formato online. Durante o processo de apuração, buscou-se diversificar os perfis dos entrevistados, garantindo que diferentes perspectivas fossem contempladas e refletissem a pluralidade de experiências dentro do Cuca Barra.

Para a captação de elementos imagéticos dos personagens, foi necessário recorrer ao empréstimo de uma câmera profissional, pois os registros estavam sendo feitos com um aparelho celular. Entretanto, devido à disponibilidade limitada do equipamento, algumas imagens e vídeos apresentam diferenças na qualidade. Além disso, para complementar o material, foram solicitadas imagens dos arquivos pessoais dos entrevistados e registros fotográficos da própria Rede Cuca. Dessa forma, a pesquisa buscou articular uma abordagem metodológica que combinasse elementos de apuração jornalística, observação participante e entrevistas semiestruturadas, para uma análise aprofundada sobre a Rede Cuca e seus impactos na juventude de Fortaleza.

5.6.1 Desafios e Limitações

Quando os tópicos centrais das reportagens foram definidos, havia um fator que não havia sido levado em consideração: os conflitos territoriais provocados pela presença de facções na Barra do Ceará. Esse tema surgiu em praticamente todas as entrevistas, de diferentes formas, mas sempre atravessando o cotidiano da comunidade, das juventudes e do

próprio Cuca. Diante disso, tornou-se indispensável trazer essa questão para dentro da produção.

No entanto, ao direcionar a apuração para esse ponto específico, me deparei com uma série de dificuldades relacionadas às dinâmicas territoriais do bairro. Não consegui realizar entrevistas ou ter contato direto com algumas fontes – moradores do entorno – devido à dificuldade de acesso às suas casas. Não havia a possibilidade de entrevistá-los virtualmente, e chegar até eles fisicamente também não era viável, por questões de segurança. Essa limitação me foi alertada diversas vezes pelos próprios moradores. Além disso, outras fontes optaram por não falar abertamente sobre o assunto, por receio de aprofundar a conversa. Como resultado, os relatos sobre os conflitos territoriais a partir da perspectiva dos moradores acabaram sempre na superficialidade, mesmo sendo evidente o impacto dessa questão no cotidiano do bairro.

Ainda tentando compreender melhor a perspectiva da comunidade, busquei acompanhar a equipe do Cuca Barra em algumas visitas ao Morro de Santiago – uma das áreas mais afetadas pela violência, segundo os próprios moradores – durante as atividades do projeto Cuca na Comunidade. Essa é uma das ações mais importantes do equipamento no sentido de estabelecer diálogo e presença ativa em territórios inflamados por conflitos. No entanto, não tive autorização para acompanhá-los.

Diante dessas questões, busquei outra estratégia para aprofundar essa parte da investigação: recorrer a especialistas na área de segurança pública e conflitos territoriais. Foi nesse contexto que entrevistei Ricardo Moura e Messiane Vieira, ambos pesquisadores do Laboratório de Estudos da Violência (Lev/UFC). Ricardo trouxe reflexões sobre a relação entre organizações criminosas e a juventude, enquanto Messiane abordou a interseção entre conflitos territoriais e políticas públicas. As contribuições dos dois foram essenciais para a construção da última sessão do site “Entre a Memória e o Futuro: Ecos de um Território em Movimento”.

Também houve a tentativa de estabelecer contato com a Secretaria Municipal de Segurança Cidadã, responsável pela Guarda Municipal – que atua na segurança e no patrulhamento de todos os equipamentos da Rede. O objetivo era entender a abordagem do poder público em relação a essa questão, mas não obtive retorno.

Além disso, a indisponibilidade de alguns relatórios e dados governamentais atualizados limitou a análise quantitativa do impacto do Cuca Barra. Para contornar essa limitação, foram utilizados dados secundários de pesquisas acadêmicas e relatos de

profissionais atuantes no equipamento. Apesar dessas dificuldades específicas, o restante do processo de apuração transcorreu de forma tranquila – extensa, mas sem grandes imprevistos.

6 DESCRIÇÃO DO SITE

6.1 Fases de produção

A escolha de veicular o projeto por meio de um site multimídia foi orientada por uma série de considerações, sendo a definição da plataforma o primeiro passo para o desenvolvimento do trabalho. A plataforma escolhida foi o Wix, uma ferramenta conhecida por sua interface intuitiva e acessível, especialmente indicada para aqueles que não possuem grande experiência em desenvolvimento web. Esta escolha foi motivada por diversos fatores, entre eles a facilidade de uso, a relação custo-benefício e a ampla gama de funcionalidades que o Wix oferece, permitindo a criação de um site esteticamente atraente, com boa usabilidade e que atenda às demandas do projeto de forma eficaz. A simplicidade da interface e as opções de personalização foram essenciais para que o site fosse desenvolvido dentro do tempo e das limitações pela estrutura do TCC.

Após definir a plataforma, a fase seguinte envolveu a busca por referências que servissem como base para a organização e apresentação do conteúdo multimídia. O objetivo era entender como os diferentes tipos de informações – como textos, fotos, vídeos e elementos gráficos – poderiam ser interessantes de forma a criar uma narrativa coesa e imersiva. Nesse sentido, foram selecionadas produções de jornalismo multimídia que se destacam pela integração de diversos elementos e pela organização visual de qualidade. Destacam-se, nesse contexto, os projetos “Às Escondidas, Elas Também Fizeram a Revolução”³ e “Juventude em Jogo”⁴, publicados pela revista Divergente. Embora esses trabalhos apresentem um nível de sofisticação técnica que ultrapassa as limitações do meu trabalho, eles funcionaram como fontes de inspiração, especialmente no que tange à integração de mídias e à estruturação visual das informações. Além disso, para adaptar as referências ao meu contexto e as possibilidades oferecidas pelo Wix, analisei também produções acadêmicas anteriores realizadas no âmbito do curso de Jornalismo, com o projeto “Além do Papelão”⁵, que utilizou a mesma plataforma.

Com as referências definidas, o processo de produção foi dividido em dois eixos principais: o desenvolvimento técnico do site e a construção dos elementos visuais, sendo os aspectos visuais detalhados no próximo tópico. Para a construção do site, busquei ajuda

³ Produzido pela revista Divergente. Disponível em: <https://elas-fizeram-revolucao.divergente>

⁴ Produzido pela revista Divergente. Disponível em: <https://divergente.pt/juventude-em-jogo/>

⁵ Produzido por Calebe Rodrigues, Caroline Rocha, João Duarte, Pedro Silva e Wanderson Trindade. Disponível em: <https://alemdopapelao.wixsite.com/especial/alem-do-papelao>

dentro do próprio ambiente acadêmico, e, felizmente, alguns colegas se dispuseram a colaborar. Xaio da Costa, colega de curso e grande amigo, assumiu a responsabilidade pela construção da estrutura técnica do site. Trabalhamos de forma colaborativa, realizando reuniões periódicas de alinhamento para discutir ideias, analisar as referências e definir as melhores soluções dentro das limitações da plataforma Wix. A partir dessa discussão, Xaio desenvolveu a base estrutural do site, enquanto eu finalizei o projeto, integrando o conteúdo apurado durante o período de pesquisa e realizando a organização do material dentro da plataforma.

Portanto, o desenvolvimento do site foi um processo colaborativo e adaptativo, no que foi possível criar uma plataforma funcional, que proporcionasse uma experiência de imersão e navegação eficaz para o usuário.

O site é organizado em cinco seções principais: Página Inicial, Sobre, Reportagens, Perfil e Quem Constrói. A disposição dessas seções busca oferecer uma navegação intuitiva, garantindo que os usuários tenham fácil acesso ao conteúdo disponibilizado.

A *Página Inicial* apresenta um formato verticalizado, exibindo sequencialmente todas as seções do site. Além disso, inclui um mapa interativo com a localização dos equipamentos da Rede Cuca. Essa funcionalidade tem como objetivo fornecer um panorama espacial sobre a distribuição dessas estruturas, facilitando a compreensão do projeto.

A seção *Sobre* traz uma breve descrição da proposta e do escopo do trabalho desenvolvido. Essa seção contextualiza a finalidade do site, explicando sua abordagem com uma linguagem mais subjetiva.

As seções *Perfis* e *Reportagens* concentram o conteúdo principal do site. A primeira apresenta perfis de jovens que foram afetados pela Rede Cuca, enquanto a segunda reúne reportagens que aprofundam as questões trazidas nos perfis. Ambas são fundamentais para a construção da narrativa e da identidade editorial do site.

Por fim, a seção *Quem Constrói* oferece informações sobre a autora do projeto. Esse espaço busca, além de apresentar a responsável pelo conteúdo, estabelecer um vínculo de credibilidade e transparência com os leitores.

6.2 Elementos visuais

Assim como no desenvolvimento do site, a criação da identidade visual do projeto exigiu um processo colaborativo, sendo conduzido em parceria com o ilustrador Cauê Canuto, estudante

do curso de Sistemas e Mídias Digitais e bolsista da Rede Cuca. A escolha de um artista que já possuía envolvimento com o espaço retratado na pesquisa agregou ainda mais ao projeto, garantindo que as ilustrações dialogassem diretamente com o universo apresentado. O processo de criação foi estruturado em encontros para discutir conceitos visuais, referências estéticas e possibilidades dentro da proposta narrativa do produto, resultando na ilustração principal apresentada na Figura 2.

Figura 2 - Ilustração da tela inicial

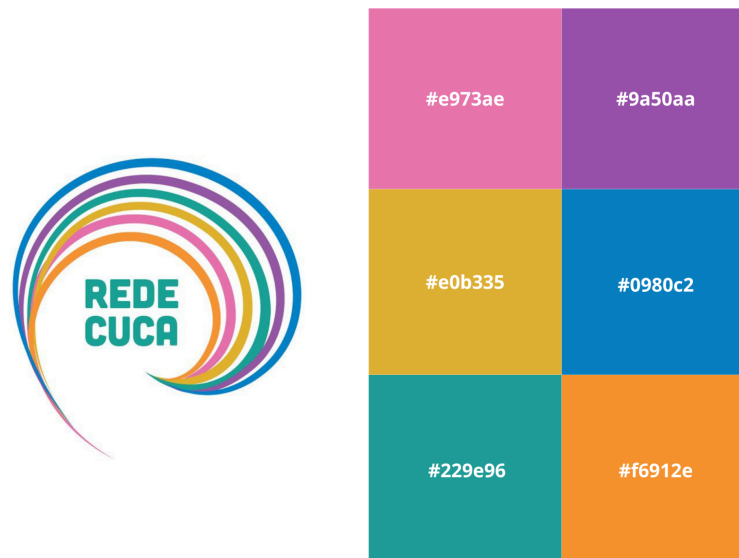


Legenda: Ilustração de Cauê Canuto.

A produção das artes foi realizada no software Krita, uma ferramenta gratuita de design digital que possibilita a simulação de diferentes materiais artísticos. O conceito adotado teve como base uma estética que remetesse à manualidade, simulando técnicas tradicionais como aquarela, nanquim fino e giz de cera. A escolha desse estilo visual confere um aspecto mais sensível e artístico ao projeto, além de possuir uma natureza evocativa, isto é, as formas gráficas e representações visuais aludem aos temas do trabalho (juventude, território) de maneira não-literal.

A paleta de cores utilizada foi baseada nas seis cores institucionais do Cuca, combinadas com preto para os contornos e um tom de branco acinzentado para a textura de fundo, remetendo ao papel. O grande destaque das ilustrações foi dado ao prédio do Cuca, elemento central da narrativa visual, enquanto as figuras humanas foram intencionalmente simplificadas em forma de rabiscos, evitando um detalhamento excessivo e garantindo maior fluidez ao conjunto gráfico.

Figura 3 - Paleta de cores



Legenda: Elaboração da autora.

Para fortalecer a identidade visual, o céu foi colorido com os tons mais quentes da paleta do Cuca, utilizando um pincel digital que simula a fluidez da aquarela. Além disso, linhas feitas com um pincel que imita giz de cera foram estrategicamente adicionadas a diferentes partes das ilustrações, contribuindo para um efeito tátil e orgânico.

Foram desenvolvidos também elementos ilustrados para cada um dos perfis, representando objetos que remetem à cada um dos entrevistados, como mostra a Figura 3.

Figura 4 - Elementos ilustrados para os perfis



Legenda: Ilustrações de Cauê Canuto.

Como tipografia principal foi utilizada a fonte *Urban Sketeart*, como exposto na Figura 3, presente em títulos. A aplicação da fonte foi utilizada pela apresentação de letras que interagem entre si, como pontes, formando um vínculo com o título do projeto.

Figura 5 - Tipografia principal

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n	o	p
q	r	s	t	u	v	w	x	y	z						
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9						
!	"	#	\$	%	&	'	()	*	+	=	%	%	%	%
~	^	~	^	~	^	~	^	~	^	~	^	~	^	~	^
À	Á	Â	Ã	Ä	Å	Æ	Ç	È	É	Ê	Ë	Ì	Í	Î	Ï
Ñ	Ò	Ó	Ô	Õ	Ö	Ø	Ù	Ú	Û	Ü	Ý	Þ			
à	á	â	ã	ä	å	æ	ç	è	é	ê	ë	ì	í	î	ï
ñ	ò	ó	ô	õ	ö	ø	ù	ú	û	ü	ý	þ			

Legenda: Captura de tela elaborada pela autora.

Como tipografia secundária, a fonte *Urban Elegance* foi escolhida, como mostra a Figura 3. Essa segunda tipografia é utilizada no corpo de texto para equilibrar com o título e o ambiente onde o trabalho se insere, além de contar com a acentuação gramatical da língua portuguesa.

Figura 6 - Tipografia secundária

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	
P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z					
P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z					
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n	o	p
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n	o	p
q	r	s	t	u	v	w	x	y	z						
q	r	s	t	u	v	w	x	y	z						
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9						
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9						
\$	¢	€	£	¥	¤	+	-	*	/	=	%	‰	°	™	
\$	¢	€	£	¥	¤	+	-	*	/	=	%	‰	°	™	
'	#	@	&	-	()	.	.	:	:	?	?				
'	#	@	&	-	()	.	.	:	:	?	?				
}	<	>	[]	§	¶	µ	°	^	~	®	®	™		
}	<	>	[]	§	¶	µ	°	^	~	®	®	™		
À	Á	Â	Ã	Ä	Å	Æ	Ç	È	É	Ê	Ë	Ì	Í	Î	Ï
À	Á	Â	Ã	Ä	Å	Æ	Ç	È	É	Ê	Ë	Ì	Í	Î	Ï
Ī	Ń	Ō	Ó	Ô	Õ	Ö	Ø	Œ	Ù	Ú	Û	Ü			
Ī	Ń	Ō	Ó	Ô	Õ	Ö	Ø	Œ	Ù	Ú	Û	Ü			
ß															
ß															
à	á	â	ã	ä	å	æ	ç	è	é	ê	ë	ì	í	î	ï
à	á	â	ã	ä	å	æ	ç	è	é	ê	ë	ì	í	î	ï
ò	ó	ô	õ	ö	ø	œ	ù	ú	û	ü					
ò	ó	ô	õ	ö	ø	œ	ù	ú	û	ü					

Legenda: Captura de tela elaborada pela autora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender a relação entre as juventudes periféricas de Fortaleza e os equipamentos da Rede Cuca, com ênfase na unidade do Cuca Barra. Através de uma investigação jornalística de caráter aprofundado, foram exploradas as percepções dos jovens sobre o equipamento, os desafios enfrentados na execução das políticas públicas destinadas à juventude e os impactos dessa iniciativa na construção de trajetórias pessoais e coletivas.

A produção multimídia desenvolvida permitiu a convergência de múltiplas linguagens narrativas para apresentar as histórias dos jovens e suas vivências no Cuca Barra. Durante o processo, desafios metodológicos e estruturais foram enfrentados, destacando-se as dificuldades de acesso a determinadas fontes e a complexidade da dinâmica territorial da Barra do Ceará. Apesar dessas limitações, tais desafios reforçaram a relevância e a urgência do tema abordado.

O levantamento realizado neste trabalho apontou que a Rede Cuca desempenha um papel relevante na vida dos jovens da periferia fortalezense, servindo como um espaço de formação, lazer, pertencimento, expressão e resistência. Ainda assim, os desafios persistem. Os conflitos territoriais dificultam o acesso de alguns jovens ao equipamento, existe uma dependência de investimentos públicos contínuos e a falta de dados atualizados sobre o perfil da juventude de Fortaleza impede uma avaliação mais precisa do impacto da Rede e das políticas públicas voltadas para esse público como um todo.

Dessa forma, o presente trabalho não apenas documenta e analisa a relevância da Rede Cuca, mas também sugere reflexões sobre sua continuidade e aperfeiçoamento. Futuros estudos podem se aprofundar em análises comparativas com outros modelos de políticas públicas voltadas para a juventude. Além disso, há um enorme campo a ser explorado sobre a interseccionalidade nas experiências juvenis dentro do Cuca, considerando fatores como gênero, sexualidade e identidade racial.

Por fim, este trabalho reafirma a importância de iniciativas que valorizem a juventude periférica como indivíduos plurais e com particularidades, reconhecendo que o acesso à educação, cultura e lazer é um direito, não um privilégio. A Rede Cuca, como um espaço de oportunidades, reafirma que a periferia é também um lugar de potência e

transformação. Cabe à sociedade e aos gestores públicos garantirem que esses espaços sejam preservados, fortalecidos e expandidos, para que mais jovens possam atravessar as suas próprias pontes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena. **Juventude e democracia:** participação, esferas públicas e os desafios da inclusão social. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1994.
- ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre gangues e galeras:** juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- BARBOSA, Susana. Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais. In: **Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom.** Campo Grande, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/131470424234970117305161457318335805911.pdf>.
- CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria Cordeiro de; ANDRADE, Carla Coelho de. **Juventude e políticas sociais no Brasil.** Brasília: IPEA, 2009.
- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite; SAMPAIO, Helena. **Bibliografia sobre a Juventude.** São Paulo: Cortez, 1995.
- CARRANO, Paulo. **Juventudes e a formação para o mundo do trabalho:** dilemas e desafios. Rio de Janeiro: Eduff, 2000.
- DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social:** um novo foco nas pesquisas sobre juventude?. Educação e Sociedade, v. 24, n. 85, p. 33-52, 2003.
- DE LA PEÑA, N. Immersive Journalism: immersive virtual reality for the first person experience of news. In: **Presence:** Massachusetts Institute of Technology. v.19, n.4, 2010. Disponível em: <www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/PRES_a_00005 11/11/2014>.
- DEUZE, Mark. O jornalismo e os novos meios de comunicação social. **Comunicação e Sociedade.** v. 9, p. 15-37. 2006.
- DIÓGENES, Glória. **Cenas juvenis:** punks e darks no espetáculo urbano. Fortaleza: Museu do Ceará, 1994.
- DIÓGENES, Glória. **Juventudes e cidade:** um estudo etnográfico sobre jovens urbanos. Fortaleza: Editora UFC, 2013.
- ERIKSON, Erik H. **Identity: youth and crisis.** New York: Norton, 1968.
- FALAM, Beatriz Akemi Takeiti; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. **Juventude(s) periférica(s) e subjetivações:** narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. Psicologia USP, v. 30, p. 1-12, 2019.
- FAVERO, Maria de Lourdes et al. **Juventude e sociedade:** tendências na pesquisa brasileira. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventudes**: Sociologia, cultura e movimentos. Joinville: Clube de Autores, 2016a.

GROPPO, Luís Antônio. **Sociologia da Juventude**. Petrópolis: Vozes, 2016b.

GUERRA, Josenildo Luiz. O nascimento do jornalismo moderno: uma discussão sobre as competências profissionais, a função e os usos da informação jornalística. In: **Anais Intercom XXVI**, 2003, Belo Horizonte. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/167629680582323974316910221745759002955.pdf>.

GUIMARÃES, Luciana. **Juventude e contemporaneidade**: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2019.

HENRIQUE, Samaisa dos Anjos Xavier. **Em busca das periferias nas narrativas das juventudes do Cuca Barra**: acompanhando processos de comunicação e produção de sentidos. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza (CE), 2018.

LASSWELL, Harold. **Politics**: Who Gets What, When, How. Ohio: The World Publishing Company, 1958.

LONGHI, Raquel. Infografia online: narrativa intermídia. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano VI, n. 1. p. 187- 196. 2009. Disponível em:< <http://migre.me/pBnu7>>.

MACHADO PAIS, José. **Culturas juvenis**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1993.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1998.

MARQUES, Carolina Lopes. **Reportagem multimídia memorialística**: um estudo sobre jornalismo e memória no ambiente digital. 2021, 133f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

MOHERDAUI, Luciana. Em busca de um modelo de composição para os jornais digitais. Contemporânea: **Revista de Comunicação e Cultura**. 2008. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3530>.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: A Problemática dos lugares. Tradução: Yara Maria Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

NOVAES, Regina. **Juventude e religião no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 2006.

PALACIOS, Marcos. A memória como critério de aferição de qualidade no ciberjornalismo: alguns apontamentos para debate. In: Workshop de Jornalismo On-line, Covilhã. **Anais**[...] Covilhã, 2002.

REGUILLO, Rossana. **Los jóvenes en la era de la globalización:** desafíos, dilemas y expectativas. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.

REZENDE, Claudia. **Juventude e exclusão social.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1989.

SANTOS, Milton et al. **Território e sociedade:** entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SILVA, Roselani Sodré da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011.

SOUZA, Regina Magalhães de. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, 2009, vol. 1, n. 1, p. 1-28. Disponível em:

<http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/02/Protagonismo-juvenil-o-discurso-da-juventude-sem-voz.pdf>.

SPOSITO, Marília; CARRANO, Paulo. **Juventude e participação política:** um estudo sobre a constituição do sujeito político na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Eduff, 2007.

ANEXOS

- [ACESSO DIGITAL À OBRA](#)